

A Força da Família Frente às Orientações Político-Sociais: Preservação do Sagrado e da Criatividade

Suely Engelhard¹

Resumo

Tendo como pano de fundo o documentário russo Anna dos seis aos dezoito, de Nikita Mickhalkov, reflito sobre a preservação do sagrado, da fé, da criatividade, na luta entre a força e coragem da história, lema e resiliência familiar frente às orientações político-sociais impostas pelo poder do estado. Nessa luta de pressão do sistema político sobre as famílias e indivíduos de seu povo se distingue a resiliência de um núcleo familiar. A diferenciação alcançada pela matriarca Natália (a quem o filme é dedicado) impulsiona seus descendentes a não deixarem de exercer sua criatividade mesmo frente à censura e perseguição vivida. Preservaram a fé e a sacralidade na ligação atávica ao torrão natal.

Palavras chave: fé; divino; torrão natal; duplo vínculo; resiliência.

The Power of the Family as Opposed to the Political and Social Guidelines: Preservation of the Sacred and the Creativity

Abstract

Having the Nikita Mickhalkov's Russian documentary Anna from 6 to 18 as background, I reflect on the sacred preservation of the faith, the creativity, the struggle between the strength and the courage of the story, motto and family resilience in face of the political and social guidelines imposed by the power of the state. On this struggle of the pressure of the political system on families and individuals of his people, the resilience of a family unit is distinguished. The differentiation achieved by the matriarch Natália (to whom the film is dedicated) drives the descendants not to fail to exercise their creativity even in the face of censorship and experienced persecution. They preserved the faith and sacredness in atavistic connection to the homeland.

Keywords: faith; divine; homeland; double bond; resilience.

¹ Membro titular da Associação de Terapia Familiar do Rio de Janeiro (ATF-RJ), membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, Fundadora e Diretora Administrativa do Instituto Formador em Terapia Familiar Centro de Atendimento e Aperfeiçoamento em Psicologia (CAAPSY).

*Somos o que fazemos, mas,
principalmente, o que fazemos
para mudar o que somos.
(Eduardo Galeano)*

Fé, domínio e poder

Jung ao estudar o psiquismo humano reconhece o quanto as condições do meio ambiente deixam nos indivíduos traços míticos semelhantes. Estes são o resultado de fantasias carregadas de afeto sobre situações perigosas, que se repetem, e trazem uma ameaça tanto ao físico quanto a alma humana.

A sedimentação de todas as experiências ancestrais carregadas de afetos profundos da humanidade constelam os princípios reguladores e formadores, tanto da vida religiosa como da vida política, determinando as suas imensas forças psíquicas inconscientes. Se ocorrer uma ampla retirada de certas projeções metafísicas, como por exemplo, o expurgo de Deus, fica-se desamparado.

Os símbolos de “domínio” e “poder” sempre existiram, não nos cabendo a sua criação. O que cabe ao indivíduo é escolher o “senhor” a quem quer atender e servir. “Deus’ não é criado, mas escolhido” (Jung, 1978, p. 91).

Como ponto de pano de fundo para tais reflexões me basearei no documentário *Anna: Ot shesti do vosemnadtsati* [Anna dos seis aos dezoito], do cineasta russo *Nikita Mickhalkov*, lançado no ano de 1993.

Nesta película o diretor mira o resgate da criatividade em sua família, que por ocasião do momento histórico e espírito de época da União Soviética dos anos da guerra fria, precisou ser desconsiderada, encoberta e mesmo transfigurada, como proteção a seus membros. Estes não deveriam ser identificados e muito menos relacionados com os parentes, que embora famosos, não eram aceitos pelo *establishment*.

Paralelamente *Mickhalkov* busca reparar também aqui a questão da fé, o preenchimento do vazio da alma humana, de uma percepção de si mesmo como pertencente a uma realidade mais abrangente que o contém e o enraíza na sua história pessoal, na de sua família, de sua cultura, da humanidade, bem como na própria criação cósmica.

E ainda descortina para o espectador a história do império soviético que trazida através do olhar de um de seus servos busca desmitificar muitas fantasias, que os estrangeiros criam e acreditam compatíveis com a *alma* russa. Com sensibilidade e de modo muito sutil tece uma teia, uma rede de comunicação, de complexidade, de diferenciação e discernimento entre a história de sua família e a da própria União Soviética.

Segundo definição do blog *russiashow* (Milu, 2012):

É um filme sobre a pátria, que envolve conceitos e objetos como o rio, o campo, o céu, a família, pais e filhos. Envolve quem viveu antes de você, quem foi para a guerra, quem construiu a casa onde você mora, quem escreveu livros e ficou pintando atrás de um cavalete: isto tudo também é a Pátria. Esta é a história da Pátria no contexto da família, bem como a história da família no contexto do Estado. E, ao redor desta história, outras histórias gravitam, compondo a história da Pátria: o simples se entrelaça com o complicado e com o significativo, o famoso com o esquecido, o trágico com o heroico. Tudo misturado fornece o retrato da União Soviética na visão desses jovens, representados por *Anna*.

Mickhalkov parte de seu torrão natal, como símbolo de pertencimento, da casa de campo que sua família tinha como local de encontro afetivo e de renovação relacional; da figura de sua mãe – *Natália Petrovna Konchalawskaia* – a quem o filme é dedicado e estende suas reflexões à casa maior, ao cunhado império russo, com seu “imperador, seus voluntários, gladiadores, bobos da corte, sentinelas, comerciantes, artistas e finalmente os cidadãos” [sic].

Nessa trama coloca o foco na questão da diferença que existe entre os deuses vivos – os ídolos – que tem uma significância menor e que *pretendem* substituir o anseio do divino. O divino é sim um sentimento que transcende épocas, costumes, civilizações, porque está inserido na simples questão de sermos pertencentes a esse todo, a essa humanidade, a esse cosmos.

Esses deuses vivos, ídolos inventados e venerados, despertavam *uma fé ingênua no sonho sedutor, porém impossível, da igualdade total, do paraíso na terra* [sic]. Para Jung (1978, p. 89) “o homem moderno sofre de uma *hybris* da consciência.... [que] corresponde, em larga escala, à hipertrofia e à exigência de totalidade da ideia de Estado”. Para ele, o poder vigente *engloba* o indivíduo que por sua vez, acredita ter *englobado* sua alma, iludindo-se com a ideia de que através do intelecto possa compreender a totalidade desta.

Jung (1978) conta que:

O fator psicológico que, dentro do homem, possui um poder supremo, age como *Deus*, porque é sempre ao valor psíquico avassalador que se dá o nome de Deus. Logo que um deus deixa de ser um fator avassalador, converte-se num simples nome. Nele o essencial morreu e seu poder dissipou-se (p. 86).

Neste documentário se reintroduz o tema do *paraíso perdido*, aspecto emocional que tende a se manter no imaginário da humanidade por conservar seu

poder avassalador, mas que tem que ser decodificado para que ampliemos nossa consciência e nos tornemos melhores conhecedores de nós mesmos.

Se no paraíso celeste a serpente é a que leva Eva a provar o fruto proibido e a incita a oferecer a Adão, a fruta da árvore do conhecimento, dentro desse paraíso terrestre também se cria uma nova serpente [tal qual a que Deus colocou no paraíso para que tudo viesse a acontecer]. A serpente atual, que se não existisse, teria de ser inventada, é representada pelos americanos, que segundo ele, pela ótica dos “deuses” vivos, servem ao império para ser testado, amedrontado e apascentado.

Reconhece-se aqui a questão arquetípica do bem contra o mal, os opostos que vão sempre permear a consciência humana, e que dentro do dinamismo patriarcal repressor se encontrarão cindidos e em posição extremamente antagônica. Essa questão no filme está representada pelas duas superpotências URSS e USA, que então *governavam* o mundo como um casal parental dominado, cujos *filhos/nações* podem ter uma vida confortável, ora ligando-se a um ora ao outro conforme suas necessidades e interesses, mas que ficam impedidos de se desenvolver e se firmar sobre seus próprios pés, de crescer e ter liberdade e vida própria. Permaneciam em relação de duplo vínculo.

O conceito de duplo vínculo foi instituído por Bateson (1968) e o grupo de Palo Alto (pesquisadores precursores no estudo dos sistemas familiares) para definir o tipo de comunicação existente, nas famílias esquizofrênicas. Nelas, o indivíduo que apresentava o sintoma, encontrava-se prisioneiro de uma comunicação contraditória adoecendo por não saber metacomunicar, isto é, ser capaz de responder a um conjunto de mensagens de natureza contraditória. Jung (2011) ao analisar um sonho infantil na sessão de 03/12/1940 fala de algo muito próximo ao conceito de duplo vínculo. Diz ele:

Certo, por um lado a mãe tem real interesse que a criança cresça, se desenvolva, queira sair e se torne uma criança educada e esforçada; por outro tudo isso é simplesmente proibido. Ela, por exemplo, faz um longo discurso sobre tudo, diz que isso e aquilo é proibido; por outro lado, incita a criança a fazer tudo isso. Ela cria a oportunidade.... Esse jogo realiza-se milhares de vezes, a partir de ofertas e proibições. São mães que não pensam, e sim, somente anseiam, desejam, temem; encontram-se sempre no estado emocional. Por um lado incitam, seduzem. Mas em seguida tudo isso é esmagado. Naturalmente não é possível sair dessa forma.... [mas] quando a mãe dá as costas [ai] Então algo acontece, mas algo bem estúpido! Muitas vezes as crianças se machucam de fato, na medida em que derrubam a água quente ou então pregam uma peça para a mãe; para tirar a mãe do

sério, escalam as árvores mais altas e desejam que a mãe as veja, sofrendo, porém, uma possível queda mortal (Jung, 2011, p. 436).

As nações à época, como pêndulos, entre uma potência e outra, nunca encontravam um caminho seguro para seu crescimento e independência, visto que no fim desse jogo sempre eram as duas potências que ganhavam, empatando em seu poder. E a esses pobres *filhos/nações* só restava adoecer e patologizar, muitas vezes cindindo suas próprias identidades o que resultava em morte, tanto real como metafórica, de seus cidadãos.

Com essa violência contra si mesmos, violar-se para projetivamente identificar-se com os valores e as características antagônicas dos dois modelos vigentes, esses *filhos/nações* deixavam de lado sua posição eu dentro do Self cultural do planeta.

Bowen (1991) coloca que dentro da massa indiferenciada do eu familiar cabe ao sujeito diferenciar-se, isto é, conseguir colocar-se em seu lugar de eu, distanciando-se do invólucro familiar, sem ser antagônico a esse. Segundo ele, a rigidez emocional das relações de um sistema familiar, que frente a um fator de stress não consegue dissipar a ansiedade daí advinda, decorre da baixa diferenciação de seus membros.

Essa questão trazida por este filme é encontrada no mito de *Marduk e Tiamat*, um mito babilônico de criação do mundo, datado de 7000 anos AC. A história do povo russo e de suas inter-relações com o mundo apresentam um *remake* desse mito, pela tentativa do poder de manter a homeostase interna de sua cultura, e nas tentativas de alguns cidadãos de estabelecer uma nova ordem que para ser alcançada, para que a transformação se dê, haverão que lutar e sofrer.

O mito babilônico

Nesse mito de criação, nos é contado que no início dos tempos reinavam, com igual força e poder, dois princípios antagônicos: *Apsu*, o princípio masculino, representado pelas águas doces e férteis, e *Tiamat*, o princípio feminino, representado pelas águas salgadas, que estão presentes no momento do nascimento: no sangue, na lágrima e no líquido amniótico.

Este casal, *Tiamat e Apsu* de início geraram uma família nuclear de deuses-filhos não nomeados e posteriormente de outros que ganharam nome: *Ea* [deus do mundo inferior – o lugar das águas], *Enlil* [deus da terra e dos ventos – os ventos que moravam nas cavernas] e *Anu* [deus do mais alto céu – infinito - pão e água da vida eterna].

Ao serem nomeados esses deuses já representam um caminho de diferenciação das potências iniciais. São deuses já com uma identidade e função próprias e eles começaram então a entoar cânticos. A música, o ritmo, aqui aparece como formadora de diferença e consciência. Esses cânticos incomodam muito à *Tiamat*, para quem o silêncio era imprescindível a seu bem-estar. Queixa-se a *Apsu* que confabulando com *Mummu*, um terceiro elemento, o mensageiro, a palavra, isto é, o pensamento cheio de opiniões, decide matar os importunadores. Porém *Tiamat* intercede: *Como? Matar os filhos que gerei? Quero apenas que os cale.*

Apsu não age e fica confabulando com *Mummu* sobre suas possíveis ações. Esses murmúrios chegam aos ouvidos de *Ea*, que resolve capturar ambos. Faz uma imagem de *Apsu e Mummu*, invoca-os de forma mágica, os adormecendo, e assim os tem nas mãos. *Mummu* é submetido e escravizado: agora a palavra terá que ganhar consistência, reflexão e abstração. *Apsu* é morto e no lugar em que foi enterrado nasce uma fonte de águas doces.

Da união da fonte [útero] com o princípio fertilizador masculino [*Apsu*] e com o desejo de *Ea*, nasce *Marduk*, o deus-herói que será o responsável por estabelecer uma nova ordem. Batizado pelos demais deuses que o investem de inúmeros poderes é também por eles testado para se certificarem de que terá vitória sobre *Tiamat*, o grande princípio feminino que por sua vez, também já se preparava para o embate.

Como portadora da Tábua dos Destinos e para manter seu poder sobre ela, casa-se com seu filho-amante *Kingu*, confiando-a a ele, que passa a reger os ciclos lunares. Assim *Tiamat* já utiliza, segundo sua própria essência, certa ordenação que é a arma de seus opositores.

Convoca também sua meia-irmã *Allatu* e lhe pede que crie mil demônios e os faça semelhantes aos deuses da luz, para que se infiltrem em seu meio, descubram suas intenções e se possível, os destruam. Vejam que a questão da espionagem é arquetípica e muito, muito antiga.

Marduk parte para a contenda com *Tiamat*, a vence após batalha difícil e sangrenta. Retira *Kingu* de suas entranhas, tomando posse da Tábua dos Destinos, que prende em seu peito. *Marduk* não destrói *Tiamat*, o princípio feminino não pode ser desinvestido de seu poder, porque dele viemos e a ele voltaremos. Mas, pode e deve ser transformado. De uma de suas partes cria a abóboda celeste e da outra o pilar da terra.

Kingu é julgado, sendo o primeiro bode expiatório de que se tem notícia. Acusam-no, injustamente, de ser o causador de todas as complicações. Do sangue de *Kingu* os homens são criados para que os deuses possam descansar em

paz, e passem a ser reverenciados, respeitados e tenham seu trabalho perpetuado pelos homens.

Como essa situação é atual, não concordam? Quantos são obrigados a pagar o erro daqueles que com o poder nas mãos, não são nem mesmo incomodados por seus atos desleais e impróprios. Nos continentes, nos países, nos estados, nos municípios, nos bairros, nas famílias. Ou seria em ordem inversa: da família para os demais?

Partindo desse mito como guia nossas reflexões procurarão identificar, tanto no nível social macro, como no micro, as semelhanças que encontramos dele em nosso filme.

O macrocosmo social

Neste nível temos o império homeostático da URSS, que tal com *Tiamat*, não podia ser incomodado, e onde desde 1980 nenhum documento era publicado sem aprovação prévia; tudo tinha que passar pelo crivo da censura do poder. Nesse império se esperava que as palavras proféticas do hino do partido comunista se tornassem realidade. Nele os indivíduos não podiam ser diferentes dos demais. O próprio *Mickhalkov*, que era canhoto, foi forçado a aprender a escrever com a mão direita.

Como oposição a esses valores impostos por Lênin, que mandou matar o escritor *Leon Tolstoy* por seu romance *Anna Karenina*, ampliados por *Stalyn* de modo patológico, que perseguiu e matou todos os parceiros de revolta bolchevique, inclusive *Trotsky*, quando este já não representava qualquer perigo para o sistema, e perpetuados até a era *Brezhenev*, crescia na obscuridade, como a canção entoada pelos deuses da luz, uma quantidade de indivíduos que, absolutamente leais a si mesmos e entre si, partiram para a criação de segredos cuidadosamente resguardados e conservados, para um dia poderem ser aplicados e gerarem uma nova ordem.

Paralelamente, começava a aparecer e ser reconhecida pelo mundo, a diferença entre a persona imposta aos cidadãos pela rigidez homeostática do poder vigente, e a espontaneidade egoica do povo russo, com sua dança livre, alegre e solta, suas músicas com versos que “debochavam” do poder do governo e que expressavam sua verdadeira essência, sua verdadeira alma. Segundo *Mickhalkov* esse povo nunca cantava as canções oficiais, que reverenciavam e davam destaque heroico aos feitos dos “novos deuses”, mas sim às alegres e irreverentes canções populares que desconstruíam e desmoralizavam o *status quo* da época e que falavam da pequenez e limitação do próprio ser humano. Nelas riam e debochavam de suas próprias vicissitudes e entraves.

A música é, na sua forma primeira, com o ritmo que nela se insere, a principal formadora de consciência. Um povo que não se deixa destruir em sua essência musical, não perde o fio condutor que o permite sair do labirinto após o embate com o *Minotauro*. É esse fio de *Ariadne*, o fio de *Eros*, do amor, da vida, que responderá a grande dúvida do cineasta. Poderia o menino *Illoucha*, retratado em seu filme anterior *Oblanov*, ser comparado com a menina *Anna*, a representante do filme atual?

Anna e Illoucha: o que os iguala? O que os difere?

A estória contada em *Oblanov* discorria sobre um menino que fugia de casa para vagar pela imensidão da terra. Ele, entretanto, jamais se perde, porque as pessoas que encontra pelo caminho, vivem ou tentam viver, de acordo com as leis de seus ancestrais. *Illoucha* era um representante do antigo império russo, que tinha na tradição o seu suporte e fio condutor.

Enquanto *Anna* é uma representante do atual império soviético, e que fora das paredes de sua casa só estabelecia contato com um mundo repleto de truques e imitações. *Mickhalkov* buscava a divergência entre eles e ao mesmo tempo a possibilidade de convergência, numa nova sizígia relacional.

A divergência é facilmente reconhecida. A atitude do povo do antigo império russo se resume numa frase dita pelo diretor: “Do mesmo modo, a vida da terra e seu passado, são feitas pela vida de cada casa separadamente” [sic]. Por sua vez, o povo do império soviético vivia uma dicotomia. O império se esforçava em ser majestoso para o mundo, embora cada cidadão, em sua secreta vida interior, valorizasse “suas minúsculas pátrias: um rio, uma floresta, a vista de uma janela, um pedaço no campo ou o caminho poeirento que levava à sua casa de campo” [sic].

É essa dicotomia que cria o sintoma: a decadência da sociedade soviética. Mas é justamente nele que se encontra a possibilidade de transformação. Aqui reconhecemos o mesmo que se dá nos sistemas familiares, quando o paciente referido na verdade é a saída para a paralisação emocional da família.

Garcia Preto fala de como “as transformações ameaçam apegos anteriores” (Garcia Preto, 1995, p 231). E continua: “através da mistificação, ou exigindo laços tão fortes de lealdade que surge uma imensa culpa quando a separação é considerada, a família permanece fechada e isolada dos outros....deixam de promover crescimento” (Garcia Preto, 1995, p 231).

Quando o temível urso vermelho, o urso soviético, transformou-se em *Michka*, o urso amigável e oco nas Olimpíadas de 1982, o povo russo pôde então sair da paralisação imposta pelo regime e ser simbolicamente libertado das

amarras. *Michka*, nas lágrimas vertidas deixava registrado o sentimento e a afevidade calorosa do povo russo, seu princípio feminino obscurecido pelo poder patriarcal repressor do estado, vai lentamente se perder no infinito.

No processo alquímico retratado e contido no texto do *Rosario Philosophorum* ocorre esse mesmo processo, representado nas imagens simbólicas nele contidas. Após o rei e a rainha mergulharem em *coniunctio* [casamento] menor, carnal, na fonte mercurial, dali nasce uma criança divina, que ascende aos céus e retorna sob a forma de andrógono, cujos princípios masculino e feminino, antes cindidos, se encontram unidos em equilíbrio, num mesmo continente com alto grau de transcendência. O alquimista vivia sua projeção acreditando que o que via era uma propriedade da matéria com que trabalhava. Para Jung (2009) na realidade ele vivenciava o seu mundo inconsciente em projeção na matéria em transformação.

Retornando a nosso filme temos que no macrocosmo cultural ainda foi preciso que dois ídolos existissem – *Andropov* e *Cherchenko*, que uma guerra ocorresse, a do Afeganistão, que o filme por ele feito, *Kinship*, ficasse proibido por dois anos, que o avião conhecido como Tulipa Negra voltasse para casa trazendo os caixões de *Nikolai*, *Serguei* e *Ivan*, astronautas mortos por uma causa desconhecida, e que outros cidadãos fossem condenados a humilhações [terem seus nomes apagados da memória de seu povo, seus destinos sentenciados por seu país, viverem assolados por terríveis sonhos de guerra] para só então surgir um herói, como *Marduk*, para lutar contra *Tiamat*, o *status quo* em vigor, e partir para estabelecer uma nova ordem.

Esse herói é *Gorbachev*. Sua *Perestroika* significava para nosso cineasta “poder se fazer abertamente, o que antes se fazia em segredo” [sic] e para *Gorbachev* que todos deveriam mudar e trabalhar honesta e conscientemente. Isto é o mesmo que dar aos cidadãos a oportunidade de ser e estar em consonância com os valores sociais, sem se atemorizar, sem ter que ser iguais e homeostáticos, mas poder ter diferenciação, produtividade participativa distinta e ao mesmo tempo pertencimento.

Gorbachev tinha muita boa comunicação com o povo russo, o mundo o respeitava, não só por ser o presidente da URSS, mas por sua personalidade íntegra. Suas palavras eram algo novo, desconhecido da maioria dos soviéticos. Um caminho para a clareza e iluminação, embora ocasionalmente o que leva ao sol, à clareza, seja um caminho penoso, difícil e algumas vezes impraticável.

Para um povo que não sabia viver com a fé, onde o esvaziamento do divino foi amplamente pregado, estimulado e fortalecido, é muito fácil surgirem falsos profetas e bruxos tentando ocupar este vazio, como foi, por exemplo, o caso de *Yelstin*, mergulhando esses indivíduos pouco diferenciados em um mundo de maiores

terrores e incertezas. Como Jung (1988, p. 22) diz “quando o mal se expressa é inevitável que seja despertado na própria alma do indivíduo”. O ser humano tem em si a semente de todas as possibilidades, inclusive a do mal, e esta pode aqui ser constatada na destruição da divina natureza do próprio ser humano”.

Gorbachev entra para a história como o autor e executor das mudanças que fizeram com que o império em ruínas pudesse caminhar para frente. Sua palavra foi dirigida para as coisas que dizem respeito ao psiquismo humano, para aqueles que estavam em contato com as dimensões mais profundas de si mesmos. Se o mundo mudava, com a espiral da história em constante movimento, este povo oprimido, que se achava na superfície da psique, invocava inconscientemente novos ídolos – deuses vivos – para jurar-lhes fidelidade.

A renúncia de *Gorbachev* mostra o quanto ele ofereceu a um povo que acostumado com a mentira e a dissimulação, não conseguia suportar a claridade do sol que lhe era oferecida. *Seu apedrejamento* lembra o mito messiânico cristão, onde Jesus Cristo é escolhido pelo povo para morrer, enquanto Barrabás, o ladrão, é absolvido e solto. Quando renuncia *Gorbachev* não tem mais sua xícara de chá abastecida. Pela tradição bolchevique ele não era mais *uma entidade*. Torna-se, tal como *Kingu* no mito babilônico, um bode expiatório. *Gorbachev* trará com sua purgação, uma reordenação ao sistema esvaziado e favorecerá a criação de novos homens.

Nosso cineasta agora sabe que aquilo que divergia nas infâncias de *Illoucha* e de *Anna* era a ausência da fé, a ausência de Deus. Era isso o que as separava. E por isso, pela perda da fé, se perdeu o respeito à vida como também à morte, já que ambas são companheiras inseparáveis, faces de uma mesma moeda. Segundo suas palavras: “Transformamos a vida em um seriado de TV e a morte em um jogo de computador, e a aquisição em destruição... Nós frequentemente esquecemos um velho e simples provérbio: trate como deseja ser tratado” [sic].

Com *Yelstin* é proclamada no país a democracia. Mas, que igual à *Perestroika*, o povo russo, esvaziado do divino por muitos anos, interpretou a seu modo, esfacelando a dignidade humana. Vendiam galões e compravam medalhas sem pensar. A ideia do pecado e da vergonha desapareceu. Foram os assim chamados *tempos turbulentos*.

Em meio a todo esse caos, entretanto, um menino presencia um acontecimento, que ele pode não ter agora noção de seu valor e significado, mas que num futuro próximo ele e ou seus filhos irão reverenciar. O menino vê mulheres que, de joelhos, vão ao lugar onde anteriormente havia uma igreja destruída pelos bolcheviques. Ali elas beijam as árvores que testemunharam a existência daquele espaço sagrado: sua vida e morte.

O ato de ajoelhar é uma atitude de oração, de penitência que significa a humildade frente à vida. Com isso, voltando-se para a terra, reencontrarão em si sua fecundidade.

A árvore, por sua vez, é um dos mais antigos símbolos da fé – a árvore da vida, aquela que no paraíso existia, a árvore do conhecimento. Suas raízes mergulham no solo e seus galhos elevam-se aos céus e por isso ela simboliza a relação entre a terra e o céu, entre a matéria e o espírito. O ciclo vida – morte – renascimento é em si representado pelas perdas das suas folhagens, seus galhos desnudos e que depois se recobrem de folhas novas e tenras.

Futuramente ali, onde essa romaria se dá, uma nova igreja será construída pelas próprias mãos desse povo, livrando-o do vazio existencial, configurando o resgate da fé que preencherá com o Deus interior o sagrado que fora destituído e perdido.

Da mesma forma quando, na prática psicológica, criamos uma imagem que será confrontada através de uma atitude consciente, pelo desenho e análise desta imagem, pela meditação e imaginação ativa, estamos realizando uma figura clara do poder ou da influência de nosso mundo interno. Esses caminhos nos ajudam a discriminar quais aspectos do inconsciente estariam perturbando como consequência a uma atitude unilateral do eu em nossa saúde mental.

O microcosmo familiar

Voltemos agora nosso olhar para seu microcosmo familiar. A mãe de *Mickhalkov* sempre funcionou como agregadora dos diferentes núcleos afetivos relacionais da família e dos amigos. Era uma mantenedora da força do princípio feminino de acolhimento, nutrição e amorosidade. Ela respeitou, mas não chorou a morte de *Lênin*, como se assim denunciasses o quanto de destrutividade havia sido modelado e inserido pelos bolcheviques no pensamento e na alma dos soviéticos.

Sempre dava sentido às comemorações do Ano Novo, valorizando seu sentido de renovação e fertilidade, mas que ele em criança não podia participar. Quando adulto permitiu que seus filhos delas desfrutassem para viver esse momento de restauração vital. Quando em 1988 ela morre, *Mickhalkov* reconhece a grande perda que sua família passou e o luto que viveu, visto que Natália iluminava a tudo e todos com seu talento e brilho. Era um elemento de perpetuação dos laços afetivos, da força da união familiar e da sacralização destes.

Diante da imagem de sua mãe, evocada em suas lembranças, surge nele uma oração:

Oh Senhor! Livre Natália, sua escrava, de seus pecados e lhe dê o reino dos céus. Ajude-a perante o olhar divino, o delta místico e invisível, e

perante o olhar de meus ancestrais, que aqui descansam, e perante todos os crentes ortodoxos. Que nosso lar não se cubra de vergonha, nem se desagregue, que não ceda às discussões, ao ódio, as feridas, à inveja e aos interesses, mas que seja sempre o caminho que é Seu, banhado em Sua luz divina. Amém [sic].

Anna, sua filha, a quem desde pequena fazia uma série de perguntas que representavam um questionamento sobre toda a transformação pela qual ela e o povo soviético passavam, é ao final do filme uma jovem de 17 para 18 anos e que irá estudar fora de seu país, na Suíça. Esse é o *roteiro* de seu filme. Cinco perguntas simples feitas à sua *Anna* desde seus seis anos: o que ela mais amava, mais odiava, mais a amedrontava, mais queria naquele momento e o que mais esperava. Todo ano, ele refazia as mesmas perguntas e traçava um paralelo entre o crescimento da menina, através da mudança das respostas que ela lhe dava e as imposições das doutrinações do regime sobre seu povo, acompanhando, através do olhar feminino de sua filha, a realidade da URSS.

Aos seis anos ela lhe responde que teme a bruxa, que quer ter um crocodilo, odeia a sopa *borsch*. Um ano depois responde que ama a natureza, odeia gente má, se amedronta com brigas e que quer ser mais inteligente e dar boas respostas. Influenciada pela doutrinação do sistema teme dar respostas erradas e ser diferente dos outros.

O crescimento e a culminância da adolescência de *Anna* foram penetrados e conflitados com os valores que sua família oferecia e o que a sociedade doutrinava. Seu pai comportava-se desobedecendo ao regime em que viviam, pois durante treze anos, com a ajuda de outras pessoas que se expunham perigosamente a burlar as ordens do poder, fez esse documentário do qual *Anna* era a figura central, ao mesmo tempo em que fora desse ambiente familiar eram as regras e valores da União Soviética que orientavam e impunham sobre ela e todo o povo russo *suas verdades e valores*, onde paz e comunismo eram ensinados como sinônimos. *Anna* adolece participando dessa vivência dicotômica.

Falaremos brevemente sobre a adolescência, passagem do ciclo vital que provoca tanta turbulência e transformação no indivíduo e na família.

Adolescência: momento de grande transformação

Nesta etapa do ciclo vital o sistema parental revisita sua história passada, sua adolescência, agora não mais como ator principal. O (A) filho (a) é hoje o (a) protagonista partindo em busca de solidificar sua identidade [opinião pessoal so-

bre que traços o caracterizam e o descrevem melhor], de estabelecer autonomia [formação de sua autoimagem, mais separada da família; sofre e busca maior influência dos iguais], de responder às expectativas sociais que se modificam e são conflitantes, de lidar com transformações físicas e sexuais que se dão [cada vez mais precoces] e de tornar-se cada vez mais responsável por suas decisões, sentindo segurança nas orientações parentais.

Jung (1998) ao falar do desenvolvimento da personalidade escreve:

Nos primeiros estágios da consciência da criança é como se não houvesse problemas; nada depende do próprio sujeito, porque a criança é ainda totalmente dependente de seus pais. É como se ela não estivesse totalmente nascida, mas ainda se encontra envolvida pela atmosfera psíquica de seus pais. O nascimento psíquico, e conseqüentemente a diferenciação consciente de seus pais, normalmente se dá somente na puberdade, com o surgimento eruptivo da sexualidade. A mudança fisiológica é seguida por uma revolução psíquica. Devido às diversas manifestações corporais que ocorrem e acentuam de tal maneira o eu, que este frequentemente se impõe desmedidamente. Daí o nome que se dá a essa fase: os anos difíceis da adolescência (p. 345).

A travessia da infância para a adolescência no caminho para a adultidade tem em comum a unidade do desenvolvimento humano, embora sendo vivida de modo ímpar por cada indivíduo. Os conflitos gerados nessa passagem de ciclo vital são universais e têm desafios, bem como medos e bloqueios típicos. Por exemplo, quanto à sexualidade: não é um medo infundado a preocupação dos pais com o abuso, o estupro e a gravidez na adolescência.

“Enquanto tentam estabelecer a auto-identidade, os adolescentes muitas vezes discordam dos pais em relação a ideias, crenças e valores” (Garcia Preto, 1995, p 228). Se essas questões se tornam conflituosas veremos acontecer uma luta entre gerações, com cada participante querendo dominar o outro, não aceitando as diferenças de ideias e pensamentos. Isso provoca distanciamento e desconfiança dentro do sistema familiar.

As famílias que passam por essa fase com maior sucesso são as que flexibilizam suas fronteiras e modulam a autoridade parental, dando informações abertamente compartilhadas a seus jovens. Esses sistemas têm, como característica, maior tolerância às transgressões menores, o que resulta em limites mais realistas e sensíveis.

Enquanto os jovens estão em busca de criar sua identidade, os adultos por sua vez, se encontram em outro momento do desenvolvimento psíquico: buscar

conhecer este que sou. Para conseguir ir à procura do desconhecido que somos, de conhecer quem realmente se é, é preciso que ocorra o que se chama de *opus contra naturam*, prova da existência de uma psique que busca realizar-se. Diferenciando-se do inconsciente e buscando ampliar a consciência realiza-se o processo, denominado por Jung de individuação, no qual deixa-se de se ver as dificuldades e sordidez próprias no outro e passa-se a reconhecê-las em sua própria pessoa: o indivíduo se desnuda de uma falsa identidade que o identificava e passa a recodificar-se.

Através da individuação a consciência progressivamente cede para o Self (a totalidade e centro psíquico) a direção de seu desenvolvimento. Aqui o ego ou o eu se reconhece como sendo apenas o centro do mundo consciente. Portanto: diferenciar-se é partir das diferenças que caminham juntas para a unidade.

Reflexões conclusivas

Voltando a nosso filme. Quando, mais uma vez, *Anna* responde à pergunta: O que é para ela seu torrão natal? *Mickhalkov* finalmente obtém, na resposta dada por ela, o ponto de união entre suas duas personagens, *Illoucha* e *Anna*, representantes dos dois diferentes impérios russos. *Anna* lhe diz que o torrão natal é uma coisa grande e muito bonita, é se ter-se algo para amar e acreditar. Faz uma correlação entre o campo e a floresta e diz, com a voz trêmula e o rosto banhado em lágrimas: “Não posso imaginar a vida sem isso. Aqui é melhor...”

É no choro, nas lágrimas pelo amor ao seu torrão natal que o encontro desses dois jovens, de épocas culturais e sociais antagônicas, se dá. A terra a que se pertence é símbolo de fecundidade e regeneração, e possuidora de caráter sagrado. É *Tiamat* que traz o germe da unidade, do materno, do físico, pois é de uma parte sua que o pilar da terra é feito. Mesmo a ausência de Deus não destroça esse amor pelo pertencimento e, que é conhecido no mundo como a *misteriosa alma russa*.

É justamente esse instinto de conservação preservado, essa raiz que nutre os instintos, que impediu ambos, tanto *Illoucha* quanto *Anna*, de se tornarem um brinquedo na mão dos dominadores do poder. Aqueles que se apresentam como responsáveis pela existência do outro são impostores, e chegam a se valer de comportamentos e atitudes pouco éticas para fazer cumprir suas falsas promessas.

Como *Mickhalkov* mostra em seu filme, com certeza a ação continuará através de *Nádia*, sua filha menor, então com seis anos, e que nasceu quando ele filmava, na Itália, *Olhos Negros*, filme emblemático que tem com ator principal

Marcello Mastroianni. A suas perguntas Nádia responde que ama o belo, que teme a escola e que o torrão natal é quando é bonito e belo é todo dela.

Mickhalkov finaliza dizendo: “Todo homem, todo povo, todo país, tem um único e inimitável caminho a seguir, sem que seja indicado ou obrigatório, calmamente, com dignidade, sem invejar os que alcançaram seu objetivo e ajudando os mais vagarosos, se lhes permitirem fazê-lo. Deus te abençoe, Anna” [sic].

O ‘*Ser*’ nos é concedido graças à existência psíquica (Jung ,2009). A consciência tem a ilusão de que cria a si mesma, mas é a partir deste inconsciente comum a toda humanidade, depositário e armazenador de toda experiência vital e que concentra um repertório vivo de reações e possibilidades, que emanam as forças que induzem e impulsionam o indivíduo a trilhar seu caminho, a formar sua consciência.

Esse caminhar, determinado por cordeis invisíveis que muitas vezes não tem uma eficácia tão poderosa, conduz o indivíduo a apreender apenas uma parte de sua natureza própria. Seu outro lado permanece inconsciente e nele repousam as forças propulsoras da criatividade. O inconsciente funciona tal como a natureza que, embora seja tremendamente conservadora, anula, através de seus atos criativos, os condicionamentos históricos.

No nosso filme vemos esse funcionamento psíquico humano documentado de forma poética e sensível. Nele o indivíduo torna-se consciente não só dos aspectos vivenciais do meio ambiente no qual está inserido, com suas aparências prazerosas e hostis, mas também dos aspectos de seu mundo interior, de sua criatividade e de sua destrutividade, dos aspectos antagônicos, bom e mau, que lhe são inerentes.

Em povos altamente civilizados é através da filosofia e das religiões que esses aspectos interiores são vividos. Quando um sistema falha em sua finalidade adaptativa surge uma inquietude geral no indivíduo. Isso estimula e obriga a novas formas de adequação serem tentadas, para que se desenvolva uma convivência a mais tranquila possível, com seu mundo interno, seu inconsciente.

Dessa maneira se obtém uma tradução criativa do mundo exterior, da realidade visível, posto que a psique é ao mesmo tempo sujeito e objeto de seu estudo. Quando pensamos que pensamos, na verdade são os pensamentos que vêm a nós, assim como nos vem a própria função espiritual. A experiência religiosa é algo total em si mesma. É fonte de vida, de sentido e de beleza, que propicia ao indivíduo e à humanidade um novo brilho e significado. Isso, podemos dizer, é uma graça de Deus.

Quando somos tolos e imprudentes tendemos a nos rebelar contra o ilimitado, pois “... o homem é capaz de tudo.... e desde então paira uma dúvida atroz

acerca da humanidade a que pertencemos” (Jung, 1988, p. 22). Porém os amantes da alma não a negam, mesmo quando são compelidos, exigidos, doutrinados e reprimidos, pelo poder vigente.

Como a experiência religiosa é algo subjetivo, regida por leis anímicas, as quais o homem não imaginou e nem imaginará, ela continuará permeando a existência humana, sem conseguir ser desqualificada ou destruída. E a força da família permanecerá sobrepujando os *falsos deuses*.

Referências

- Bowen, M. (1991) *De la familia al individuo la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós.
- Garcia Preto, N. (1995) Transformação do sistema familiar na adolescência. In B. Carter, & M. McGoldrick (Orgs), *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jackson, D. ed. (1968) *Communication, family & marriage*. Human communication, vol. 1. Palo Alto, CA: Science & Behavior Books
- Jung, C. G. (1978). *Psicologia e religião* OC XI/1 Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (1988). *Aspectos do drama contemporâneo* OCX/2 Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (1988). *A estrutura e a dinâmica da psique* OCVIII Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (2009). *Psicologia e alquimia* OC XII Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C. G. (2011). *Seminários sobre sonhos de criança* Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mikhalkov, N. (Direção/Produção), & Mikhalkov, N e Miroshnichenko.S (Roteiro) (1993). *Anna: Ot shesti do vosemnadtsati* ([Anna: dos seis aos dezoito] [Filme Documentário]. Rússia.
- Milu. (2012, 31 de Janeiro). A arte de Ivan Nicolaevitch Kramsoi. [Blog]. Retirado de <http://russiashow.blogspot.com.br/2012/01/ferias-do-blog.html#more>:

Endereço para correspondência:

suelyengelhard@yahoo.com

Enviado em 15/08/2015

1ª. Revisão em 08/11/2015

Aceito em: 20/03/2016